

## 1º CURSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE FORMADORES EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

12 a 16 de maio 2009 - Brasília

### Relatório da Atividade

12 de maio (terça-feira)– 14h30min

#### ▪ **Dinâmica de Abertura**

*Dança de ciranda, com apresentação dos participantes pelo nome e dizendo uma palavra com a primeira letra do seu nome. Houve boa animação do grupo que dançaram e foram dizendo os nomes, e as palavras, com o grupo todo repetindo a palavra dita, manifestando boa integração.*

#### ▪ **Fala institucional com representantes da SENAES e Cáritas:**

**Ademar Bertucci (Cáritas):** *Alegria por encontrar gente que já viu nesta caminhada e novos que representam a agregação de novas forças. Explicou que Cáritas foi escolhida pelas entidades nacionais do FBES, com a responsabilidade de conduzir a execução do projeto do CFES. Este momento concretiza a primeira etapa das atividades do CFES. Ontem, dia 11/05/09 houve a primeira reunião do Conselho Gestor do CFES Nacional. Buscando a construção coletiva, num processo de autogestão, que é imperativa quando se fala em Economia Solidária.*

**Maurício Sarda de Faria: (SENAES/MTE):** *Depois de tantas dificuldades superamos o processo, para iniciar a execução das metas dos projetos dos CFES. Têm ocorrido dificuldades jurídicas, mas não desistimos desta batalha na defesa de nossos entendimentos. O CFES, junto com PLANSEQ e Catadores, são os três maiores processos de formação da SENAES. Este será o ano de formação na SENAES. Com o desafio de executar dois anos em um. CFES tem que ser percebido pelo movimento Ecosol, tem que ser orgânico ao movimento, na execução das ações, como espaço plural do movimento. E consiga chegar na ponta com a formação de formadores. Seria importante criar a rede de formadores dos diferentes programas de formação, com CFES sendo referência, convergindo para produção de metodologias, sistematização. Inclusive envolvendo outras políticas públicas. Há demandas do INCRA, por exemplo. Egressos do sistema manicomial já estão dialogando com PLANSEQ, isto na saúde, na pesca, com SEAC, na agricultura familiar pelo MDA. Expectativa é que CFES seja espaço de referência e de encontrar pessoas que estão trabalhando e acumulando muitas experiências neste campo da formação. Trabalhadores de Ecosol tem sede de saber e há convergência de parceiros para políticas públicas para saciar esta sede no movimento.*

## Tema programado do curso:

### ▪ **Identidade de práticas formativas:**

1. Cada um escreve em tarjeta sua prática formativa e o tipo de organização ao qual está ligado(a)
2. Coloca a tarjetas misturadas sobre uma mesa e participantes escolhem uma que não seja a sua
3. Cada um procura a pessoa que escreve a tarjeta que escolheu e conversa sobre a prática e tipo de entidade.
4. Todos colam as tarjetas num quadro, classificando por tipo de organização
5. Comentários do facilitador

*Exposição sobre diversidade de cada grupo formado, com experiência de educação popular, incubação, prática da Ecosol é uma das coisas mais importantes para formação. Houve palavras chaves nas tarjetas, como práxis (ligar teoria e prática), integração, comunicação. Experiências de formação na agricultura familiar, testemunhos da rede de educação cidadã.*

Apresentação de Clóvis Vailant(CTFAT), Aida Bezerra (formadora da entidade Capina).

### **Reinício após lanche**

Entrega dos cadernos pessoais de sistematização e explicação do seu uso para registro diário dos sentimentos e observações com relação ao curso.

### ▪ **Apresentação dos CFES Regionais:**

Os CFES de cada região definem em grupo uma apresentação através de “outras linguagens” sobre valores e princípios da Ecosol, com elementos da realidade de cada região.

**Norte:** O grupo da região Norte apresenta um teatro, com representação de empreendimentos e representantes da universidade.

**Nordeste:** Dinâmica de grupo, com todos os presentes, em círculo bate palmas: com um dedo representa a união, dois dedos cooperação, 3 dedos solidariedade, 4 dedos respeito as diferenças de gênero, 5 dedos respeito meio ambiente.

**Centro-oeste:** O grupo apresenta um teatro: o grupo entra calado, quatro pessoas sentam cadeiras colocadas num quadrado, deitam cada uma nos joelhos da outra e são retiradas as cadeiras. Levantam e cantam Coração Civil (Milton Nascimento) e declamam a parte final da música. Destacam os princípios da autogestão, gênero, solidariedade, cooperação e cidadania.

**Sudeste:** O grupo entra cantando a música Deixa a Vida me Levar, segurando cartaz com dizeres de incentivo ao capitalismo. Depois entra cantando Sociedade Alternativa, segurando cartaz com palavras de práticas à Ecosol.

**Sul:** O grupo diz que usou um tempo pra se conhecer como equipe. Apresenta um teatro sobre as relações dentro de uma feira da economia solidária e de uma feira no mercado capitalista.

Pedem a todos os participantes do curso que doe temporariamente um objeto pessoal. Colocam sobre a mesa os objetos. Convidam todos a consumirem os produtos. Uma do grupo faz propaganda de uma idéia danosa da sociedade capitalista. Oferecendo como amostra frutas e verduras, para representar as práticas que anunciam. Anuncia depredação da natureza, individualismo.

Outra pessoa do grupo começa contar de reunião que teve no fórum de Ecosol. Aquele vendedor do capitalismo interrompe anunciando atitudes opostas às práticas de Ecosol.

▪ **Facilitadora Aida pergunta quais as impressões dos participantes:**

**Girlani:** destaca grupo do Sul com teatralização e opressão a questão sobre o gênero e do SE com músicas.

**Scheila** - dificuldade de comunicar estes valores aos outros que não são os pares da gente.

**Normeliana** – esforço e desafio pela construção de redes nos estados.

**Raquel** – nós aqui representados a história de varias pessoas.

**Elielma** – necessidade do trabalhador de empreendimento e ser apoiado para participar de processos de formação, como está sendo apoiada por seu empreendimento para participar desta semana. “E precisamos sempre disto para todas nossas atividades”.

**Márcia** - importância da interação empreendimentos, gestores, com trocas de conhecimentos e passar para outros companheiros. Todas as apresentações foram muito envolventes.

**Joana** – Sul destacou muito bem a questão de gênero e mostra a realidade que devemos combater. E também na forma de fazer comercialização na forma da Ecosol e não do modo convencional.

**Fernanda** – desafio é formar e não formatar.

**Aida** – Destaques para alegria militante, é o desejo que quer, do que já tem em andamento e do que já pode e não pode..

Cita que é fácil falar contra o capitalismo e suas mazelas a quem é dos nossos. Outra coisa: é falar sobre isto a quem está do outro lado. Nós somos híbridos. Trazemos o bichinho dentro de nós, se cochilarmos ele toma conta. Precisamos olhar o quanto estamos avançados e não só olhando os defeitos do capitalismo. O que nos muda é a experiência. Autogestão é um processo em andamento. Gostei muito da criatividade que é a racionalidade da invenção, e invade o espaço onde a racionalidade não domina.

Destaque dela para encenação do Centro-Oeste, em que cadeiras foram retiradas. Diz que pode ser a formação, que precisa ser retirada e mesmo assim pode manter o grupo, como aconteceu na teatralização.

▪ **Divisão dos grupos por GTs (grupo de trabalho/equipes responsáveis pela gestão compartilhada do curso)**

Aida apresenta a proposta de organização e gestão do curso com divisão de grupos, ou seja, a proposta da gestão compartilhada: responsabilidades, dificuldades e desafios.

Explica GTs funções dos grupos de trabalho:

- 1 Monitoramento (cuida do andamento da programação),
- 2 Registro e memória (anotações sobre os acontecidos no curso e outras formas de registro de forma criativa), tudo para garantir a sistematização.

- 3 avaliação
- 4 infra-estrutura (garantir espaço adequado)
- 5 criatividade (ações para boa sociabilização)

Participantes se inscrevem em cada um dos GTs. Equipes ficam assim constituídas:

#### **Infraestrutura**

- 1- Etiene
- 2- Normalina
- 3- Rita
- 4- Márcia

#### **Animação**

- 1- Guelinda
- 2- Joana
- 3- Deusdete
- 4- Maria Fernanda
- 5- Marilena
- 6- Sheila

#### **Monitoramento**

- 1- Rosangela
- 2- Carmen
- 3- Rutiléia
- 4- Maribel
- 5- Mari

#### **Avaliação**

- 1-Carol
- 2- Aliselma
- 3- Gilsema
- 4- Lílian
- 5- Sérgio

#### **Sistematização e memória**

- 1- Adebaro
- 2- Gercina
- 3- Raquel
- 4- Anaw
- 5- Ângelo
- 6- Rose
- 7- Fabiana

- **Apresentação do programa do 1º módulo do curso (Exposição realizada por Ademar)**

#### **Objetivos do curso: socializar o papel CFES:**

2. Fazer formação de formadores. E não formação para as bases
3. Este primeiro módulo é de construção de consensos, de concepções e execução do convênio, com atividades do nacional e regional, sem a idéia de meramente reproduzir de cima para baixo.

Pede que liberados de cada CFES regional se apresentem. Ademar comenta que objetivo final de todo o processo é criar a rede de formadores, cujos participantes não têm distinção entre integrantes de empreendimentos ou de entidades de apoio. Todos são chamados para atuar com sua diversidade.

## Dia 13 de maio (quarta-feira) – 9h

- **Equipe de animação** dirige dinâmica “desatar nós”, em que os participantes saem de uma formação em círculo e circulam pela sala devendo pegar na mão de quem estava a sua esquerda e a sua direita na formação em círculo. Como ficam entrelaçados devem “desatar este grande nó”, sem largar as mãos.
- **Grupos de trabalho apresentam planos de atividades para o curso.**

### **Infra-estrutura:**

Situação dos quartos faltou água quente, descarga com defeito.

Auditório – reorganização do espaço, com retirada das cadeiras, para melhorar o andamento dos trabalhos.

Feirinha com produtos dos empreendimentos que trouxeram produtos para comercializar.

Proposta de uma festa. Tema: Cafona.

### **Sistematização:**

Propõe uma dinâmica para apresentar a sistematização da atividade do primeiro dia de curso: todos em círculo, integrante desta equipe coloca um chapéu de palha na cabeça de vários participantes do curso, pedindo que vá ao centro da roda e conte o que vivenciou no dia anterior, buscando elementos para sistematizar.

Com o objetivo de apresentar o processo histórico de construção da formação na economia solidária até a organização do CFES, Sergio apresenta slides com fotos das oficinas regionais de formação de formadores e textos destacados dos relatórios destas oficinas. Integrantes de cada região fazem a leitura do trecho relativo à sua região.

### **Tema programado do curso:**

- **Educação Popular e Economia Solidária**

### **Pergunta provocativa:**

- Porque a EP é a concepção mais adequada pela a Ecosol?

### **Facilitador: Cláudio Nascimento**

*Cláudio – Eu estava na SENAES, na construção de uma política nacional de formação e daí surgiu o centro e depois passou para vários centros, descentralizando.. Em 1984, fizemos a política nacional de formação da CUT, e fomos buscar a educação popular Na economia solidária me atrai mais a questão sobre a autogestão. A autogestão vai além da produção, vai para a propriedade social. O processo autogestionado é da pedagogia social. Não tem como falar de autogestão sem falar de educação, e de educação popular articulada à pesquisa. É a educação que vai fazer a economia solidária. Quem fazia isso eram os Centros de Educação Popular, espaço onde o povo tenta construir um projeto de nação para o Brasil. Você não pega a máquina do Estado, e pensa que vai resolver. Não resolve se não tivermos a educação. E é difícil fazer a mutação cultural necessária para uma sociedade autogestionária, com uma cabeça que passa vinte anos obedecendo e de repente quer passar para o sindicalismo autogestionado. Autogestão é experimentação sem certeza.*

*Temos que ter uma transformação do cotidiano. O que nós vemos nos países ao nosso redor, é um processo de participação popular. Movimentos sociais, e governos populares, e o que vem garantindo, e o processo de educação popular. Não é o caso do nosso governo. Estamos num processo de degeneração ético. Somos ainda um governo de resistência. E a economia solidária, está acontecendo nos territórios. Temos que repensar os conceitos, pensar no desenvolvimento um conceito de sociedade.. É preciso olhar os processos sociais, esquerda na Bolívia, índios eram camponeses, foram discutir os valores que essas comunidades têm em práticas autogestionadas. Não se resolve, só por cima. É também um processo de reencantar a vida. Lutas por água, por florestas, grande discussão. Concepção de economia solidária implica em uma educação permanente. Autogestão é um ato pedagógico, as pessoas entram por necessidade material.*

*Pensar a educação e trabalho, pedagogia, formação técnica, autogestão começa pelas mãos. Conhecer a máquina, conhecimento industrial, trabalho bom, discussão sobre a tecnologia. Formação social e política. Temos que ir mais fundo. Trazer a categoria da contradição. Cada trabalhador é também educador. Economia solidária tem que ser engravidamento da autogestão, implica em uma filosofia e visão de mundo. Implica em pensar desenvolvimento, e em uma autogestão territorial, pensar a re-fundação do Estado. É elemento da educação permanente, visão do que é ser humano, elementos da construção da memória, que derruba uma concepção de tempo. Tempo e espaço. Pós-moderno. Só existe o presente. Tempo linear. E temos que formar militantes em outros valores. Temos um vazio no meio, temos que formar a juventude, a maioria dos militantes são as mulheres.. Tem que estar aberta para o mundo. Estudar história. Não estamos criando nada novo. É um encantamento de vida.*

## Intervalo

**Atividade em grupo:** Atividade em grupos identificados pelas diferentes práticas formativas para debater a **questão provocativa:**

- **A partir das diferentes práticas pedagógicas quais os elementos comuns e os diferentes.** Registro das conclusões em tarjetas

### Dia 13 de maio - 14h Solenidade de Lançamento do CFES

**A atividade de Lançamento do CFES Nacional, programada como parte do 1º Curso Nacional de Formação de Formadores está relatada no final deste relatório.**

### Dia 14 de maio – quinta-feira - 8h30min

- **Equipe de Sistematização** realiza dinâmica “Cacos de cada um” – “Vamos formar uma vitral com estes cacos do que ficou na memória de cada um”. Cada participante escreve em tarjeta uma palavra ou frase do que ficou de mais significativo da atividade do dia anterior.  
O cartaz colocado no chão tem o texto: Cacos de mim, cacos de nós, cacos do antes, cacos do fim. Juntando cacos, construindo vitrais.
- **Equipe de avaliação** pede que 5 pessoas avaliem o dia anterior. Carol diz que sentiu falta de maior abordagem por parte de Gadotti e que o evento de lançamento do CFES foi muito longo. Joana disse que Gadotti teve uma linguagem muito fechada para algumas pessoas. Fabiana achou interessante a fala da Aída e

do Cláudio sobre práticas de educação. Gadotti teve vários aspectos interessantes e a confraternização à noite foi muito boa. Destacou também que houve pouco tempo pra tudo a programação. João disse que gostou da abordagem do Cláudio, mas sentiu falta de um debate após sua fala. O que concordou Normeliana. Ela destacou a gestão partilhada pelas equipes no curso como muito importante. Rosângela gostou muito das reflexões do Cláudio, que são mais inquietações que soluções. Viram diferença entre Gadotti Cláudio, este com uma definição de classe. Destacou o uso da tecnologia na vídeo conferência. Pena não saber antes da transmissão pela internet. Disse que é preciso ficar atentos às propostas de legislação na Câmara dos Deputados. Aída destacou que discussão dos grupos exige debate.

### **Tema programado do curso:**

- **Educação Popular e Economia Solidária**

### **Resultado da atividade em grupo:**

- **A partir das diferentes práticas pedagógicas quais os elementos comuns e os diferentes.**

### **Apresentação das conclusões dos grupos para realizar o debate no grande grupo:**

#### **Grupo 1: Elementos comuns**

##### **Matriz – Educação Popular**

- saber popular
- ninguém é tão pequeno que não possa ensinar.....
- respeito ao tempo,
- diversidade cultural
- o que nos move – desejo de mudança
- utopia incorporada.
- Necessidade de formar massa crítica
- Formar pessoas para gestão compartilhada.
- Criatividade
- Nacional organizar uma coletânea de dinâmicas.

#### **Grupo 2 : Diferenças**

- Nós viemos de diferentes experiências, diferentes produtos, diferentes tipos de serviços, questão das parcerias, a partir da realidade. Essas parcerias influenciam os grupos que assessoram,
- Igualdades
- Formação processual, mas faz parte de um processo de educação.
- PF na prática processo moroso, desenvolvimento local e grupos de produção.

#### **Grupo 3:**

- Formação, incubação assessoramento, empreendimentos, mobilização. Movimentos sindicais e movimentos populares.
- Formação em processos sociais e pedagógicos. Experiência do IMS, socialização da experiência, formação técnica. Economia solidária como prática pedagógica. Espinha dorsal. Troca de experiências.

#### **Grupo 4:**

- Valorização dos sujeitos e da cultura local, valorização dos saberes empíricos, pedagogia da alternância e da sistematização.
- Diferentes graus de articulação.

#### **Grupo 5 :**

- Democratizar as relações, valorização das culturas e saberes locais. Como não Fazer uma formação ingênua. Como fazer o trabalho de gênero. Consumo.

#### **Comentários dos facilitadores**

Cláudio acentuou que vivemos a disjunção entre os pares dialéticos – entre razão, emoção, jornada de vida e jornada do trabalho - tecnologia de informação..

Aída se disse preocupada com o uso dos termos Educação Popular. A sociedade toda produz saberes. Alguns são institucionalizados. Disse que Educação Popular é produto de avanços históricos.

Aida destacou que não se aprende somente com a cabeça, mas com o corpo todo, e especialmente através da afetividade e da subjetividade. Interessa a capacidade de me deslocar e ajudar diante das singularidades e diversidades.

Disse que o papel de um centro de formação é mediar as experiências feitas. A opção pela autogestão, é uma opção cotidiana. Presente de transformação.

Aida destacou que não se aprende somente com a cabeça, mas com o corpo todo, e especialmente através da afetividade e da subjetividade. Interessa a capacidade de me deslocar e ajudar diante das singularidades e diversidades.

**João** citou a necessidade de não fazermos formação de modo ingênuo ou alienado.

#### **Tema programado do curso:**

- **Conteúdos para formação em Economia Solidária**

##### **Pergunta provocativa:**

Como os conteúdos temáticos dialogam com os princípios da Ecosol e da Ed. Popular?

Conteúdos

Políticos e Técnicos

Para objetivos internos e externos

**Mari** – Orienta o tema, reforçando as perguntas provocativas

- : Como iremos desenvolver as nossas ações formativas com outros parceiros?  
Como iremos dialogar com outras entidades?

**Adebaro** destaca que conteúdos estão no relatório da IV Plenária de Ecosol. É preciso ver com inserir temas técnicos específicos para os empreendimentos.

**Facilitado Cláudio Nascimento** - Os temas a serem abordados são infinitos. Como política pública tem obrigação de tratar o que está no termo de referência porque o governo assim exige. Mas qual o universo temático da Ecosol. É sair pra vida. Exige uma política descentralizada e com objetivo de construir rede. O CFES é um instrumento para construir a formação do movimento de Ecosol. A estratégia da Ecosol está pautada pelo movimento de Ecosol. A formação faz a tradução dessa estratégia política para a estratégia educativa. Como é uma política descentralizada precisa ver qual o tronco

comum. E isto é algo a ser construído. O CFES Nacional é um articulador da discussão sobre o conteúdo.

**Joana** – Precisa ter apoio dos fóruns sobre demanda de conteúdos e ver como viabilizar.

**Rutileia** - São os empreendimentos que precisamos ouvir.

**Rosângela** – Deseja que o CFES não seja desvinculado do movimento de Ecosol. O papel do CFES é ajudar no planejamento. Apoiar a construção de rede para a troca de informações sobre tudo que o CFES tem que participar.

**Elielma** – A orientação para conteúdos foi apontado na IV Plenária e foi apontado pelo empreendimentos.

**Márcia** – Disse estar feliz porque os empreendimentos estão participando do processo de formação.

**João** – Nós nesse grupo estamos iniciando construção de identidade e esse é o principal desafio. Identidade sobre a metodologia, tendo organicidade com os empreendimentos. É preciso ligar o que os empreendimentos querem com o formador em termos de conteúdo. Falta definir qual o perfil dos educadores e qual a estratégia para isto.

Ao mesmo tempo é muito importante a sistematização do processo que estamos vivendo para ajudar a construir o próximo termo de referência para execução de política pública de formação.

**Maribel** – Necessidade de casar conteúdo técnico com o político. Fala da experiência do PLANSEQ no artesanato no RS, com algumas dúvidas sobre a qualidade deste processo. Disse ter dúvida sobre o melhor formato (método) para formação, se numa aula específica ou no dia a dia do empreendimento. O CFES tem que ter articulação com os Neates. Importante é aprender no fazer.

**Wilson** - Faz proposta de continuidade do trabalho através de reunião de grupos por regiões.

**Carol** - Sugere que CFES também faça formação dos técnicos de incubadoras que trabalham junto aos empreendimentos. Disse do problema para o participante de EES enquanto participa de formações, porque não trabalha e portanto não ganha o dinheiro que precisa. Como resolver isto?

**Cláudio** - Diz que o melhor lugar para fazer a formação para os Empreendimentos de Economia Solidária é no seu espaço de trabalho, como conhece experiências com recicladores. A formação para Ecosol exige atenção com os conteúdos técnicos, políticos e culturais, precisa um currículo integral.

### **Intervalo de almoço**

<b>Dia 14 de maio – quinta-feira - 13h45min</b>
---

- **Equipe de animação** realiza dança indígena Toré com os participantes
- **Facilitadora Aida**
- **Educação Popular**

O que é mesmo que estamos falando? Podemos entender a partir do que é a educação formal instituída, que é linear, onde as crianças são orientadas para ingressar no mundo adulto, através da premiação e dos castigos. No Brasil com o Estado Novo houve mudança de clientela, e na década de 60 acontece a chegada na universidade de pessoas de outras classes sociais. Assim houve maior socialização das relações e dos saberes. E isto é o principal na educação. No início dos anos 60, com a democratização política, há novos atores em cena e a escola da burguesia não serve mais para estes novos atores. Muitas experiências se instalaram entre elas a de Paulo Freire. A educação popular não nasceu no Brasil. Ela começou após a segunda guerra mundial, nos países das ex-colônias européias africanas e latinas, com o desenvolvimento comunitário e animação popular. O Brasil pegou isso tudo e criou novas práticas. A formação é um tipo de intervenção educativa. É conseguir ser mexido para olhar de outro lugar e aprender a se mexer. E também é a capacidade de recolher as práticas, trabalhar para criar força e mudar de lugar. São as práticas que interessam. A teoria só complementa. Quando aprende tem capacidade maior de fazer indagações e problematizar. E não tem resposta de qual é esse lugar. Mas não se dá nunca longe da prática. Por isso tem que ter esforço de criar coletivo. E com a afetividade necessária para ajudar nessa busca desse novo lugar. Nessa caminhada, o conflito é para ser explicitado, é matéria de aprendizado. O exercício do poder é espaço de aprendizado. Porque a diferença é que faz a riqueza.

**Tema programado do curso:**

- **Sistematização de processos formativos**

**Pergunta provocativa:**

Quais as condições fundamentais para produzir conhecimento em educação popular através da sistematização?

- **Facilitadora Aida**

Há uma preocupação que o fracasso é culpa de quem sistematiza, mas o coletivo é que é responsável por todo o processo. O sucesso e processos formativos não são imediatos e nem em linha reta.

As principais definições ao fazer a sistematização são: o que, para que e para quem. E é preciso entender a sistematização como na sua dimensão de pesquisa. O educador não pode ser só animador. Ele precisa estudar as práticas e tem que ter registro disso. E tão pouco é a pesquisa acadêmica.

Com o tempo no processo de sistematização vai descobrindo o que é mais importante das práticas.

Para responder a pergunta o que sistematizar tem que ter material para analisar. Com as explicações do porque é assim que vai bater nas teorias. Usando a teoria empírica e procurando ir mais fundo na teoria mais elaborada.

Cláudio faz relato sobre suas experiências de sistematização na CUT, quando teve uma equipe de sistematização em cada uma das sete escolas da CUT no país.

Surgiram complexidades porque tentaram o rigor científicos. Verificaram vários aspectos fundamentais da sistematização:

1. É processual e permanente, assim como é a avaliação.
2. O produto e como comunica-lo
3. Tirar o eixo (o mais difícil) o que recortar dessa prática.

Tem que ser muito mais simples neste processo. Idéia que seja feito pelos atores diretos da prática.

Quando muita gente, todos contribuem, mas aparece a dificuldade da escrita. É preciso usar outras linguagens. O Talher fez uma sistematização usando como instrumento cartas pedagógicas. Cartas escritas coletivamente, com fotos, poesia. Tem que ter flexibilidade. A SENAES tem muito material. É preciso um processo mais simples, mas que tenha a pluralidade das visões, para haver uma polifonia. No processo do Talher, as prioridades são:

1. Olhar a realidade
2. Analisar através de referenciais teóricos
3. Análise usando com referência teórica Gramsci.

Houve pesquisa participante, voltando às bases. E é preciso ter instrumentos teóricos no processo. Não existe aprendizado somente teoria na sistematização. É como aprender nadar: tem que ir pra prática. Mas sempre procurando simplificar. Que suba a tona o saber produzido e seja socializado. O que se quer é que se repensem.

**Fernanda** –Fala se experiência de sistematização na incubadora na Universidade Federal do Paraná, com pequenos agricultores. Dificuldade é a teoria para realizar a análise, especialmente para análise quantitativa. A sistematização é um forma de convessar com o futuro.

**Rosângela** - Fala de sua experiência de sistematização na Rede de Educação sobre Homeopatia Popular, uma extensão da universidade do Mato Grosso. Chamou atenção como às pessoas teorizam. Citou experiência com produção de medicamento homeopático contra alcoolismo, que foi resultado do saber popular.

**Cláudio** - Mostra cartilha com exemplo de passos a serem dados para realizar uma sistematização. Comenta que a exigência metodológica é que dificulta.

**João** - Não tem como definir o que é sistematização. Fala sobre sua experiência e cita cadernos da CUT sobre o tema.

**Roseny** - Comenta necessidade de um site para disponibilizar conteúdos sistematizados.

**Sergio** - Entende que prática de sistematização para os participantes deste primeiro curso seja realizada de modo simplificado para não esbarrar em rigor teórico metodológico que intimide a realização do processo.

**Carmem** - Diz de sua história de prática social que nunca sistematizou e, quando pediram a realização de tal na RedeCid, viu que era um grande instrumento para refletir sobre a prática.

**Joana** - Diz ter a preocupação de guardar muito material sobre ações de Ecosol e acredita que isto será muito útil como documentos históricos para realizar reflexão sobre a realidade.

**Girlani** - Fala de experiência de sistematização da RedeCid, mesmo sem o rigor científico, e até mesmo quem não sabia escrever participou, porque os educadores ajudaram a registrar em diferentes linguagens. Ela questionou Cláudio Nascimento porque só foram escolhidos para o caderno geral da RedeCid os casos de sucesso e não também os casos que tiveram maiores problemas, entendendo que estes também ajudam a aprender.

Cláudio explica que a experiência do Talher teve problemas para o pessoal da equipe nacional fazer o corte para mostrar uma imagem geral a partir dos vários cacos/pedaços. Comenta material guardado pela Joana, que pode gerar ricas sistematizações.

Cláudio faz uma abordagem para concluir sua facilitação, citando o mito grego de Sísifo (que pode ser do Bil ou do Chico, o nome não importa). O personagem foi condenado a levar uma pedra redonda grande até o alto de um morro, quando chegava lá, a pedra rolava morro abaixo e ele tinha que leva-la novamente. Diz que os trabalhadores estão neste sobe e desce, que as vezes chegam ao topo, mas voltam. Os momentos de maior ação coletiva em Ecosol são o topo. Quando desce o que acontece é um aprendizado no dia a dia da autogestão. A chegada no alto depende do dia a dia. O dilúvio está ligada ao gota a gota de cada dia. E isto não é linear, é um zigue-zague.

- **Atividade prossegue com reunião de grupos por regiões, conforme proposta feita por Wilson e aceita pelo grupo.**

#### Dia 15 de maio – sexta-feira - 8h45min

- **Equipe Animação** - Em círculo, participantes cantam música: O coração do (nome de pessoa da roda) e dançam um Toré. Quem coordena o canto e dança é Deusdete.
- **Equipe de avaliação** – Solicita que os participantes realizem um “cochicho” entre duas pessoas, apontando pontos negativos e positivos do dia anterior, depois pede que alguns comentem. Os comentários apontaram como muito positivos os pontos de convergência nas práticas formativas apresentadas pelos grupos e as exposições dos facilitadores, assim o debate promovido no grande grupo.
- **Equipe de sistematização** pede que grupos (por regionais) expressem em desenho o que entendem como aspectos mais importantes do aprendizado no dia anterior.

**Região Centro-Oeste** – desenho 6 mãos representando os 6 CFES e a necessidade de integração entre eles para executar o projeto.

**Região Sul** – desenha duplas de pessoas que representam o CFES Nacional e os Estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As duplas estão interligadas por estradas

**Região Sudeste** - desenha um espiral ao centro e várias nuvens carregadas ao seu redor, representando a convergência e grande quantidade de atividades para serem realizadas pelos CFES

**Região Nordeste** – desenha uma estrada central, percorridas por pessoas que chegam onde está um grande grupo e novos caminhantes a beira da estrada, com signos de música, coração. Representam a agregação de pessoas ao processo formativo com suas diferentes expressões.

**Região Norte** – desenha uma floresta com rio, árvores e casas, com um grande presente no centro cercado de pontos de interrogação. Representam as dúvidas relativas às atividades do projeto do CFES para serem executadas na região Norte.

### Tema programado do curso:

- **Papel do CFES**

**Pergunta provocativa:**

Preparar formadores-multiplicadores ou mobilizadores pedagógicos?

O que são os CFES Nacional e Regionais.

Qual o papel/missão?

Como poderemos construir uma unidade?

Como o CFES vão se articular com os programas da SENAES?

Reflexão a partir das experiências regionais

### **Apresentação das conclusões dos grupos integrados por participantes de cada região, e reunidos no final da tarde anterior**

#### **Região Sul**

**João** destacou que participantes da região se conhecem melhor e discutiram o papel do CFES, independente da entidade que for conveniar com Senas para executar na região Sul, há comprometimento das pessoas presente ao primeiro curso. **Scheila** disse não é a pessoa com maior capacidade para trabalhar formação em Ecosol, mas sente muita responsabilidade de voltar e contribuir com o processo na região. **Fernanda** destaca que em Santa Catarina há muitas entidades ligadas à agricultura familiar. **Marlene** diz que Paraná tem potencial enorme, mas as informações estão muito fragmentadas.

#### **Região Sudeste**

**Wilson** – grupo refletiu sobre programação prevista no convênio, havendo pouco tempo para realizar tudo. Informa que houve reunião do Conselho Gestor Regional dias 8 e 9 de maio. Pretende conversar com os participantes da região neste primeiro curso para continuar atividades. Há uma avaliação de que a carga horária dos cursos previstos é pequena para os temas que pretendem desenvolver.

**Normeliana** – necessidade do conselho gestor ter empreendimentos e destes terem vindo neste curso.

**Roseny** – Conselho Gestor encaminhou criação de equipe de metodologia para cuidar só desta questão, incluindo conteúdos e instrumentos pedagógicos, e vai reunir sugestões dos Estados da região. Lembra que Cons. Gestor regional tem um representante de cada

Estado neste curso. Cita o lançamento do CFES dia 5 de junho, com aula inaugural, quando a intenção é realizar uma vídeo conferência, quando também iniciará o primeiro curso regional com 10 participantes de cada Estado da região.

Sugeriu que todos os cursos nacionais devem ter textos básicos de apoio. Diz que alguns cursos talvez aconteçam usando tecnologia de vídeo conferência, dirigido aos coletivos estaduais de formação que serão formados com 20 pessoas.

**Deusdete** pergunta sobre participação dos Fóruns Estaduais Ecosol no CFES SE.

**Normeliana** diz que, no Espírito Santo, sua escolha participar do curso nacional passou pelo Fórum. Haverá plenária do FEES dia 9 de junho e os nomes para participarem do curso regional devem ser definidos pelo fórum até dia 25 de maio. A decisão é de que participantes têm que estar vinculados ao fórum.

**Roseny** – CFES SE tem 22 entidades co-participantes nos 4 estados. Acordo é que 3 entidades vão fazer a ponte com a coordenação do CFES.

**Rita** – FEES RJ definiu participações do GT Estadual de Formação

**Ana** – FEES SP está discutindo composição do GT de Formação.

**Wilson** – Minas não fez reunião do FEES MG e não definiu ainda os GT de formação.

**Roseny** cita 7 critérios para participar dos cursos do CFES SE.

- Capacidade e disponibilidade de multiplicador (a)
- Considerar as 3 esferas (gestor público, EES e entidade de fomento)
- Representatividade das micro-regiões
- Pessoas de entidades envolvidas com os fóruns de economia solidária e com disponibilidade de multiplicar
- Considerar questão de gênero, raça/etnia, quilombolas, ribeirinhos...
- Considerar representação de programas de políticas públicas voltadas à economia solidária
- Nos cursos de 2 módulos, a pessoa deverá participar de todo o processo

**Wilson** cita lei estadual de Ecosol e orçamento público de 800 mil para feiras e formação.

### **Região CO**

**Rosângela** diz que foram apontadas muitas dúvidas sobre o projeto CFES. Por exemplo: como trabalhar com os fóruns estaduais. Diz terem acontecido reuniões de articulação para formação de GT no estados, exceto no DF. Estes coletivos são o primeiro público participante dos cursos estaduais e regionais. Sobre os conteúdos, a prioridade deve ser dada pelos GT's de Formação dos Estados. Há demanda de formação para gestores públicos. Diz que a agenda de atividades será definida no primeiro curso regional. Neste haverá vagas iguais para todos os Estados, o que cada estado pode definir conforme sua realidade. Houve sugestão de conteúdos e instrumentos. Em termos de sistematização estudam como montar todo o registro dos eventos e processo.

**Deusdete** - é preciso pensar o processo para além do convênio, precisa trabalhar o fortalecimento dos FEES. CFES pode ajudar na organização do movimento social. Se ficar trabalhando só com as entidades ele se perde. FEES tem fragilidade financeira para se reunir.

No Centro Oeste o primeiro curso regional será de 8 a 12 de junho.

**Roseny** faz proposta de trabalhar entre módulos nos cursos com atividades ligadas ao tema tratado.

### **Região Nordeste**

**Raquel** – procuraram no projeto questões sobre as quais tinha dúvidas. Projeto foi assinado com apoio 41 entidades. Informa que no dia 15 de maio é publicado edital para contratação da equipe de coordenação do CFES NE. Articulação com FEES é

fundamental para o trabalho. Pernambuco tem boa articulação com FEES. Incubadora da UFRPE aproveitou para apresentar o projeto no seminário de gestores.

Um aspecto importante é se preocupar como captar recursos para ampliar atividades do CFES. Também fazer um trabalho de aproximação com Superintendência Regional do Trabalho, porque há recursos para PLANSEQ, além de aproximação com movimentos sociais.

É importante usar meios de comunicação alternativos para processo de educação. E instrumentos como boletim on-line, caderno de campo, painéis itinerantes, cartilhas em cordel., CD, fotonovela.

Ângelo – seminário sobre o projeto foi realizado em janeiro 2008, que foi o ponto de partida do CFES NE. Pernambuco tem Conselho Estadual de Ecosol. A melhor articulação estadual no FEES é com Bahia e Paraíba.

### **Região Norte**

**Adebaro** - Conselho Gestor indicou o grupo que veio para este primeiro curso nacional. CFES pode ajudar os FEES. Todas as organizações que queiram participar do CFES devem entrar através do FEES. É importante que CFES traga essas entidades para o FEES. Definimos que a participação nos cursos será proporcionalmente dividida entre empreendimentos, gestores públicos e entidades de apoio. CFES será referência para articular atividades de Ecosol. Quem está no curso vai participar do Conselho Gestor

**Elielma** – CFES precisa estar bem articulado com o FEES.

**Fala de Roberto Marinho sobre papel do CFES** – CFES surgiu por demanda dos Fóruns Estaduais de Ecosol, via rede de formadores. É um centro de formação fundamental para promover identidade e gerar articulação. Para a SENAES, formação não é um apêndice e a política pública tem que ter um olhar para a complexidade do processo e as demandas. O objetivo maior é fortalecer os EES. Outro aspecto é a necessidade de favorecer o acesso à escolarização dos participantes de empreendimentos. Ainda temos a questão de como levar a educação em Economia Solidária para o ensino formal, e tem um conjunto de ações ligadas a inserir a Ecosol nos programas de educação. Em quarto lugar há a necessidade de conhecimento técnico de produção, gestão, comercialização. O PLANSEQ prevê formação de 5.800 trabalhadores em 9 redes. E ainda há o programa de formação para dez mil catadores. Um dos objetivos do CFES é a inserção da Ecosol no PLANSEQ. Por último temos a necessidade de fazer formação de gestores públicos. Um ator fundamental no processo é o formador. São pessoas que praticam educação popular em diferentes espaços da Ecosol. O CFES precisa apoiar estes formadores e construir a rede com eles, Para que estes compartilhem suas práticas educativas e produzam conhecimento. Vemos que há muitas pessoas fazendo formação há muito tempo. E o FBES pediu articulação entre eles. Foi feita a segunda oficina nacional de formação para termos um documento orientador de política pública. E quem é formador? É aquele que facilita processos formativos em Ecosol, são agentes em diferentes espaços e públicos. Não são todos os trabalhadores em EES, mas há trabalhadores de EES que facilitam formações. A segunda missão do CFES é a sistematização. Para virar um centro de referência o CFES precisa sistematizar suas ações. O CFES não vai substituir as entidades que fazer formação. Não deve nem fazer paralelismo com quem já faz formação. Ao mesmo tempo deve fortalecer o processo de articulação dos formadores, independente se tais formadores estão nos EES ou não. Mas os cursos para formadores não são para iniciantes. Os educadores devem ser motivados pelos CFES regionais para serem articuladores. O CFES quer público que já faz formação. Essa é a estratégia. Querem mudar a estratégia? Como parte da articulação, o CFES Nac. vai promover a III Oficina Nac. de Formadores que é o seminário nac. de articulação de rede de formadores.

Ao mesmo tempo é possível ajudara a fortalecer os EES. A estrutura dos CFES tem um centro nacional e regionais. Mas não é uma estrutura hierarquizada. O CFES Regionais não têm dependência do Nacional para realizar suas atividades. O Nacional tem a função de articular e animar para termos uma unidade. Os instrumentos para realizar a política são o Conselho Gestor e as atividades nacionais que não concorrem com atividades regionais e estaduais. O recurso que temos disponível é 10 milhões para os 3 anos. Não é muito, mas só para se ter uma idéia o orçamento da SENAES para este ano é 18 milhões. Os CFES Regionais farão cursos regionais e estaduais e qual é o público destes cursos? São os formadores que já realizam processos formativos em diferentes espaços. As oficinas locais são os momentos de formação para estes participantes dos cursos regionais e estaduais terem vivências formativas. É a para a experimentação formativa. São oficinas de 16h, mas as parcerias podem ampliar esta carga horária. O CFES não é o único nem o principal que faz formação em Ecosol no Brasil. Os participantes do primeiro curso nacional podem participar também do segundo curso. Mas não é essa a idéia, porque temos uma meta de formar 15 pessoas. Mas não há impedimento de participar de mais de um curso porque os conteúdos são diferentes. Não há regra muito rígida quanto aos participantes neste sentido,mas importante é não fugir da estratégia. Quanto ao calendário apertado. Para as entidades conveniadas já foi paga a primeira parcela e não podemos perder a segunda parcela. Para receber a segunda parcela é preciso apresentar relatório de atividades realizadas que justifique o pedido da segunda parcela. Como demora para avaliação de relatórios no Ministério do Trabalho e de pelo menos dois meses, a idéia é executar em torno de 80% do orçamento para solicitar a outra parcela até final de setembro.

**Ademar** – Precisamos assegurar a identidade metodológica, fortalecer a rede de formadores e acumular práticas formativas. As atividades são cursos, seminários de conselheiros e reuniões de articulação de rede de formadores, além da sistematização e construção de acervo. Como podemos pensar a articulação de atividades?

I - Identidade – Desenvolvimento de um Projeto Político Pedagógico e metodologia para a Economia Solidária.

II – Estratégia – Através da rede de formadores e núcleos estaduais.

III- Acumular Práticas – Políticas Públicas.

Quais as atividades:

Cursos de Formação de Formadores – 3 módulos.: presencial, a distância e novamente presencial, sistematização.

Seminários de Conselheiros – formação de conselheiros. Com acúmulo específico.

Seminário da Rede de Formadores - .do que se trata o seminário

- Assistência Técnica como processo formativo.formação de um grupo .....
- Sistematização, publicação,
- Orçamento. 80%

**João** – Destaca que seria importante mapear as atividades por região para apresentar no sábado.

**Intervalo de almoço**

<b>Dia 15 de maio – sexta-feira – 14h</b>
---

- **Realização de dinâmica pelo Equipe de Animação.**

### **Tema programado do curso:**

- **Projetos do CFES e o convênio com Senaes**

Necessidades de ajustes de agenda CFES Nas e Regionais  
 Programação  
 Agenda  
 Próximos passos

Sergio apresenta quadro com resumo dos projetos dos CFES (Nacional e Regionais) em quanto às atividades previstas, a quantidade de eventos por atividade, quantidade de horas e número de participantes. Objetivo é ter uma visão geral do volume de atividades e considerar as atividades que o Termo de Referência para Implantação dos Centros de Formação em Economia Solidária exige uma seqüência de realização dos centros regionais para o centro nacional, como é o caso dos seminários para conselheiros.

Mari encaminha atividade em grupo sobre o Papel do CFES e a definição de agenda de atividades

- **Apresentação das conclusões dos grupos integrados por participantes de cada região**

### **Região Centro-Oeste**

Destaque para o papel dos CFES de valorizar os aspectos regionais relativos à cultura e a economia.

**Agenda:**

6/3– houve lançamento do CFES CO  
 8 a 12/6 – Curso Regional de Formadores  
 20 a 24/7 - Curso Estadual em Goiás, neste dia serão definidas novas datas para cursos nos outros estados.

**João** sugere que cada região informe o público participante dos cursos e o processo.

### **Região Nordeste**

1-CFES nacional; articular o processo ter unidade.

2- Papel do CFES Regional espaço estratégico de referência de processo formativo integrado de economia solidária.

1- Como poderemos construir unidade

2- Diálogos meios de comunicação, articulação, mobilização, parceria interna e externa.

3- No CFES esta a unidade pode ser construída em 3 partes. Conteúdo, metodologia, sistematização.

4 – A partir da articulação com outros projetos e políticas da SENAES e outras secretarias

Espaço de construir conteúdo, metodologia, sistematização.

Ver como articular com SENAES

Proposta: uma equipe para mapear atividades formativas

**Agenda:**

Até 15/6 contratação de equipe coordenadora

Julho – primeiro módulo do curso regional e lançamento do CFES

Agosto – segundo módulo do curso regional

Primeiro módulo de cursos estaduais

Seminário regional para conselheiros

### **Região Norte**

Instrumentos de estruturação e potencialização das diversas ações formativas que atendam as necessidades dos empreendimentos da Ecosol.

Desenvolver e integrar ações de formação sistematização;

#### **Agenda:**

Junho - reunião estadual de articulação

Julho – reunião regional

Agosto – primeiro curso regional

Seminário para conselheiros

**Adebaro** comenta sobre a “loucura” da agenda, citando que o “tempo de vocês não é o tempo nosso”.

### **Região Sudeste**

Papel construir unidade na sistematização, espaços formativos, eixos temáticos, orientação metodológica, criar instrumentos de sistematização, para as diferentes regiões, garantindo o diálogo entre as regiões. Articular com outros programas da SENAES, incluir públicos nos nossas atividades formativas. Região Sudeste definiu critérios para escolher participantes dos cursos regionais e estaduais, que inclui representação dos três segmentos do movimento de Ecosol (EES, gestores, entidades de apoio), ter capacidade como multiplicadores, representatividade de todas as regiões, já tenha realizado trabalhos de formação, poder participar dos dois módulos de cada curso).

**Agenda** (Região SE apresentou agenda de atividades até novembro, que está anexa). Nesta estão incluídas atividades como:

Maio – reuniões de articulação no RJ e ES

Junho – reuniões de articulação em MG, RJ, SP, lançamento do CFES, curso regional.

Julho - Seminário regional de conselheiros.

(Agenda completa em anexo)

#### ▪ **Definição de questões pendentes para debater com Roberto Marinho no dia seguinte:**

1. Como construir agenda nacional articulada?
2. Quais as diferentes estratégias para garantir o público desejado?
3. Qual o caráter da reunião de articulação de rede de formadores?
4. Qual o lugar da gestão política do Conselho gestor, quais os recursos financeiros para reunir?
5. Como ações vão integrando os outros públicos e outros atores que agora ficaram de fora?
6. Como articular ações de complementação de recursos financeiros?
7. O que é possível fazer para certificar os cursos?

<b>Dia 16 de maio – sábado - 8h45min</b>
--

- **Equipe de animação - Dinâmica**
- **Equipe de avaliação:** pede preenchimento de tarjetas avaliando três momentos do dia anterior
  1. Socialização das ações das regiões
  2. Fala do Roberto Marinho
  3. Trabalho em grupo das ações das regiões

As avaliações dos participantes foram as seguintes:

### Questão 1

- Partilha muito bom. Justifica o sentido de estarmos juntos
- Muito importante apresentação diversidade estratégias – sentido unidade
- Exposição boa de ações e intenções para correções
- Foi interessante, assim podemos ter o alcance de como andam as coisas nas regiões
- Foi possível clarear mas a que acontece nas regiões
- Orientação metodológica deve ser única a mesmo visão do mundo
- Ajudou a perceber a necessidade de trabalhar os eixos comuns, construção de identidade do CFES
- Ótimo
- Ajudou a clarificar o “todo”
- Diferenças nos andamentos, como alcançar unidade
- Bom para socializar as angústias e dúvidas, tentativa de unificar metodológicas
- Bom
- Ótimo
- Socialização dos CFES regionais
- Rica, de um quadro realista da situação de cada centro
- Desenhar os desafios do trabalho do CFES regionais foi muito interessante. As atividades que exigem criatividade são ótimas, pois é exatamente isso que diferencia os formadores em Ecosol
- Muito bom
- Foi bom para sabermos a situação de cada região. As facilidades e entraves.
- O encontro com a região foi um ponto alto e produzimos bastante, socializamos, planejamos.

### Questão 2

- Deveria ser na abertura do curso e ele tinha que ter ouvido os CFES Regionais ontem
- Boa, mas esta atividade deveria ter sido a primeira da semana. Gastei muitos minutos preciosos da minha vida discutindo dúvidas até a sua fala. Deveria ter sido a primeira atividade. A primeira fala.
- Ajudou a ter uma compreensão mais ampliada do papel dos centros
- Muito bom
- Clarear o papel do CFES Nacional
- Ajudou a direcionar os trabalhos
- Produtivo
- Objetiva, clara
- Foi bom

- Produtiva, construtiva, trabalho ajudou a retomar aspectos importantes no processo do CFES
- Esclarecedora. Precisaria ter ocorrido no primeiro dia
- Esclarecedora
- Me pareceu um tanto tensa a fala do Roberto Marinho. Muito preocupado com a “burocracia “ do projeto
- Foi um tipo de chamada! Mas... esclareceu algumas coisas.
- Contextualizou a estratégia do CFES. Poderia ter acontecido no início do curso
- Pessoas com acúmulo em economia solidária
- Clareou pontos sobre participantes dos cursos nacionais/regionais
- Clara, mas preocupante
- Fala bastante esclarecedora
- Foi positiva, pois algumas dúvidas e angústias foi sanada pela fala do Roberto

### Questão 3

- Encaminhar e um momento de decisões
  - Expôs a dificuldade de executar a agenda exigida para 2009
  - Disperso confuso
  - Bom
  - Fundamental para encaminhamentos
  - Angustiante pelo parto dos prazos
  - Oficinas com dinâmica, usando as práticas. Ex: tocas solidária explicar e fazer a prática
  - Muito produtivo e várias encaminhamentos. Preocupação com agenda
  - Bom
  - Produtiva
  - Articulação dos estados da região. Possibilidade de estar pessoalmente juntos
  - Não foi tão proveitosa quanto de manhã
  - Conversar com os integrantes do Sul sempre é ótimo, mas a apresentação foi extremamente cansativa e repetitiva
  - Quanto as regiões trazem uma tentativa de agenda, se percebe o tanto de trabalho
  - Ficou facilitado pela fala Roberto. Mas clareza objetivo
  - Vamos ter dificuldades para operacionalizar as atividades
  - Esclarecedora. Ajudou a clarear dúvidas. Poderia ter sido no primeiro dia
  - Bom para levantar os problemas e visualizamos o plano de trabalho coletivo
- 
- **Equipe de sistematização** divide em três grupos: representantes de empreendimentos, de incubadoras e outras entidades de apoio. Pede que demonstrem com expressão corporal as impressões sobre as atividades do dia anterior.

### Apresentações

**Grupo outras entidade de apoio** - encenam um momento de angústia e preocupação. Dois integrantes do grupo (Mari e Sergio) entram na sala carregando um banner enrolado, expressando angústia, Aproximam-se do centro do círculo onde estão os demais do grupo e começam a desenrolar o banner que é do CFES Nacional. A visão do banner se abrindo vai mudando a expressão de ânimo dos participantes do círculo, que manifestam alegria.

**Grupo dos empreendimentos** - todos seus integrantes paralisados como uma foto congelada com expressão de espanto, para manifestar o impacto da fala de Roberto

Marinho, da SENAES, no dia anterior sobre o papel do CFES, especialmente sobre como deve ser o perfil dos participantes dos cursos nacionais (esta especificação é verbalizada pela Joana, integrante do grupo).

**Grupo das incubadoras** – integrantes em pé, um ao lado do outro, e de costas para quem os assiste. Apenas um integrante passa em frente ao grupo segurando uma tarjeta com diferentes dizeres, sobre momentos do dia anterior. Após passar, os demais integrantes vira-se para a assistência e expressa gestualmente seu sentimento sobre aquele momento. Os momentos destacados são as apresentações dos grupos logo no início da manhã (expressão de esforço coletivo), a necessidade de definir uma agenda de atividades diante do compromisso dos convênios com a SENAES (expressão de preocupação), a fala de Roberto Marinho (expressão de espanto), o encontro de alguns participantes do curso à noite para contar piadas e tomar umas cervejas (expressão de satisfação).

### **Tema programado do curso: (em continuação)**

#### **▪ : Projetos do CFES e o convênio com Senaes**

**Mari** faz referência às Oficinas Nacionais de Formação de Formadores e pergunta quem dentre grupo presente que participou de alguma das duas edições das oficinas. Márcia, Joana, Rita, Carmem, Rosângela e Lilian manifestam que participaram.

**Joana** diz que pelo menos um terço dos participantes das oficinas nacionais de formadores foram de integrantes de empreendimentos. Defendeu por isto que trabalhadores(as) de EES devem participar dos cursos nacionais do CFES. Dentre estes devem estar pessoas com mais e menos experiência em processos de formação. Disse que neste primeiro curso do CFES Nac. estão presentes poucos integrantes de EES. Citou várias pessoas que participaram das oficinas e não estão presentes a este primeiro curso.

**Ângelo** reforçou o entendimento de que EES que estiveram no processo das oficinas são os mais prejudicados por não estarem mais representados neste primeiro curso.

**Elielma** disse que estava certa de que quem participou da Of. Nacional de Formadores estaria presente neste curso, porque nas oficinas foram destacadas várias questões que foram repetidas neste curso.

**Rita** disse que não se sentia muito à vontade para falar sobre o CFES porque não acompanhou todo o processo de sua construção. A pessoa de sua entidade, o PACS, que esteve no processo, não está mais na entidade. O convênio do CFES demorou muito tempo para acontecer. Por isso, ela ficou surpresa quando veio o convite para este primeiro curso.

**Rosângela** diz que acompanhou todo o processo de construção do CFES, o que gerou muito trabalho e vários documentos. A maior parte destes documentos foram escrito com a participação dos EES. Ela ficou como representante da região CO no GT nacional. Contou que o processo teve oficinas estaduais e regionais. E a II Oficina Nacional validou os documentos vindos das oficinas anteriores. Explicou que o documento final nem foi totalmente revisado, mas mesmo assim foi publicado no site do FBES. Diz achar muito bom quando há renovação de pessoas no processo. E a renovação de pessoas neste primeiro curso foi muito grande, mas isso não é problema. Disse que os integrantes da

região CO que estão neste primeiro curso participaram do processo. Das demais regiões é importante trazer quem esteve no processo e dizer que têm responsabilidade de dar continuidade à missão formativa que o CFES se propõe.

**Lilian** – diz que o processo do edital para definição das entidades escolhidas para coordenarem os CFES nacional e regionais foi muito rápido. Seria importante que quem esteve no GT Nacional de Formação estivesse presente nos cursos nacionais de formação. “Nós esperávamos outra coisa aqui”. “É muito legal ter pessoas das universidades presentes ao curso”.

**João** – diz que todo o esforço de agregar a diversidade e direção política do movimento de Ecosol é muito importante. Na região Sul quem participou do processo das oficinas nacionais não continua atuando em entidades, mas buscamos o contato com estas pessoas termos informações que nos ajudem a contribuir. O CFES é um espaço muito forte de formação e a identidade primeira de seus participantes é a de serem formadores, a partir do espaço onde estão atuando com formação, pode ser entidades ou EES. Mas é preciso não confundir o espaço político com o espaço de formação.

(Roberto Marinho, Maurício Sarda e Ademar Bertucci chegaram durante a fala de João Marcelo).

**Carol** – tem um ano e meio desde que aconteceram as oficinas até agora. Ela quer entender melhor os papéis dos gestores/interlocutores/formador, que na sua opinião não se desassociam.

**Carmem** – diz que participou da I Oficina Nacional de Formadores. Lembra que na época(2005) a expectativa da SENAES era sair de um estágio de fragilidade e dar visibilidade à Ecosol. Nesse processo, desde aquela época, as pessoas se cansaram, poucos resistiram. A gente já saiu da fragilidade . Agora é o momento de realizar o trabalho mais concreto. E esse trabalho bem da base.

**Mari** lembra a eles o que foi debatido até agora. Pede que o grupo das incubadoras repita sua apresentação durante o trabalho realizado pela equipe de sistematização.

Após Mari explica o trabalho do dia anterior, sobre o papel do CFES, incluindo o esforço de construir uma agenda do CFES nacional e regiões.

**João** expõe as dúvidas pendentes no debate do dia anterior, que o grupo deixou “pendurado no cabide” para perguntar ao Roberto Marinho.

#### ▪ **Roberto responde questões pendentes apontadas no dia anterior**

##### 1. **Calendário do CFES articulado, em 2009:**

Ele reconhece a dificuldade de realizar articulação das diferentes atividades, porque há diferentes realidades e problemas institucionais. Pede que o grupo sugira diferentes mediações para equacionar os problemas. E reforça que “vamos ter que fazer algumas mediações”. Diz que o calendário de atividades não é uma questão técnica formal, mas uma expressão das realidades locais, inclusive a realidade imposta pela burocracia. “Se é possível às regiões iniciarem os cursos regionais entre os dois módulos presenciais isto é bom”. O calendário não deve ser um engessamento, diz

Afirma que a SENAES deve resolver a questão pendente em relação à região NO. Já o CFES Sul vai demorar um pouco mais, porque a AGU (Advocacia Geral da União) ainda não enviou para a SENAES o parecer relativo à questão.

Comentou que achou interessante a realização do segundo módulo desse primeiro curso nacional em Santa Maria, inclusive pela possibilidade de participação maior do pessoal do Sul, em função da realidade específica do CFES Sul.

**Wilson** perguntou se 20% do orçamento de 2009 pode ser executado em 2010. Roberto responde que pode, mas não é aconselhável. Roberto diz que SENAES vai pedir que entidades atualizem o cronograma físico-financeiro no Siconv.

**Rosângela** diz sobre idéia do grupo é encaminhar documento à SENAES pedindo solução para a questão jurídica pendente do CFES SUL.

Roberto diz que podem fazer, mas explica que a questão não está dependendo da SENAES e sim da AGU. Explica que se for indeferida a assinatura de convênio com a Escola Mesquita, será chamado o segundo colocado no edital, a Unisinos. Se esta não quiser realizar o convênio, será chamado o terceiro colocado, a entidade Cefúria (PR).

## 2. Integração com outros programas da SENAES.

Roberto diz que praticamente todos os programas que promovem emancipação das pessoas com geração de renda promovem formação em Ecosol. O que abre muitas perspectivas para o CFES. Mas para isto o CFES tem que ser reconhecido como referência. Sugere que sejam abertas vagas para programas da SENAES nos cursos do CFES, como as redes em ação no PLANSEQ/Ecosol, porque eles têm grande interesse. Na Diretoria de Fomento da SENAES está o programa Neates, para assistência técnica aos EES, com quem também pode ser feita parceria para vagas nos cursos. Outros ministérios como o MDA têm interesse em capacitar e o CFES pode ajudar na integração.

Com o programa de comercialização já é feita integração com o PLANSEQ na ponta. Em termos de finanças solidárias, a Cáritas pode articular através de sua atuação nos fundos solidários. Os bancos comunitários têm um programa grande em ação. Esta é o campo de ação mais difícil.

**Maurício Sardá** fala sobre a possibilidade de ligação com o projeto de formação dos catadores, onde há 19 entidades executando, aspecto que pode dificultar, mas algumas são mais orgânicas ao movimento de Ecosol.

**Roberto** – o programa EJA, o MEC abriu edital para CFES e Universidades. Há também demanda do setor de pesca. Com a CONTAG a SENAES já mantém diálogo.

**João** lembra que o tema das políticas públicas faz parte do programa do CFES. Assim pode aproveitar para conhecer as diferentes políticas e buscar aproximação com estas, convidando-os para socializarem suas ações.

**Rutiléia** diz que tentou informações sobre diferentes editais, mas teve dificuldades. Sugeriu que CFES Nacional possa ajudar na promoção conhecimento sobre editais públicos.

**Maurício** – adverte sobre necessidade de integração com Comitê Técnico de Ecosol, do CTFAT. Informa que dias 1 e 2 de junho o Comitê estará reunidos e CFES poderia participar.

### **3. Sobre participantes nos cursos nacionais o CFES.**

Roberto disse que esta questão foi debatida na primeira reunião do Conselho Gestor do CFES Nacional. Para a segunda turma deste ano disse que os CFES Regionais devem mobilizar atores fundamentais na formação em Ecosol. Disse que os dois cursos nacionais de 2009 têm características especiais para avançar na concepção metodológica. Sugeriu abrir vagas para as 9 redes atuando no PLANSEQ Ecosol, assim como os territórios da pesca a Rede Cidadão de Alfabetização, assim como os Territórios da Cidadania, visto que o FBES tem aproximação com o MDA.

**Ademar** - Acentuou a discussão no Conselho Gestor sobre participação de outros programas da SENAES no Conselho assim como nos cursos, e também de programas de outros ministérios nos cursos.

**Maurício** - Informou que dias 27 e 28 de julho acontecem reunião do CTFAT.

**Ademar** - Cita necessidade de participantes nos cursos com acúmulos e habilidades em práticas formativas de Ecosol. Disse ser fundamental a criação dos GT's de Formação nos Fóruns Estaduais, porque este é o espaço para definição do perfil dos participantes nos cursos. Explica que no segundo módulo presencial deste primeiro curso a idéia de explorar o aprendizado em sistematização por parte dos participantes. Enfatizou que tarefa dos participantes deste primeiro módulo é levar aos GT's Formação estaduais sobre a participação nos próximos cursos. Acentuou a importância de preparar os seminários regionais de conselheiros de qualificação profissional para Ecosol.

#### **Sobre certificação aos participantes dos cursos.**

Roberto diz que os CFES ligados a Universidades podem buscar parcerias com estas para a certificação. E os demais teriam que buscar outras parcerias.

**Ademar** divulga vídeo e material impresso sobre Fundos Solidários na Paraíba.

**Intervalo de almoço.**

<b>Dia 16 de maio – sábado - 14h</b>
--------------------------------------

#### **Tema programado do curso:**

- Preparação do 2º módulo do curso período a distância/presencial
- Orientação sobre exercício de sistematização
- Avaliação

**João** apresenta a proposta de exercício de sistematização no módulo não presencial do curso.

Pede divisão em grupos por região para debater como pretendem realizar tarefa de sistematização. Explica a idéia de ser formada uma equipe com um integrante de cada região para preparar um instrumento de sistematização para o exercício na fase não presencial do curso.

Os integrantes desta equipe serão: João (Sul), Roseny (SE), Rosângela (CO), Raquel (NE), Elielma (NO).

Grupos retornam e apresentam suas conclusões sobre como sistematizar

**NE** – realizar reunião de dois dias no final de junho sobre experiências de sistematização, ter a participação das 41 entidades que apoiam o projeto do CFES NE

**SE** – usar instrumentos diversos que permitam um exercício diário de sistematização. Região terá contratação de pessoal específica para realizar sistematização.

**SUL** – resgatar a história de construção do processo de definição do CFES Sul, com a participação da sociedade civil e do Estado. Sheila e Fernanda realizarão sistematização da formação realizada pelas incubadoras, Unichapécó e Federal do PR, respectivamente.

**CO** – realizar a sistematização da implantação do CFES na região. Rutiléia sistematizará o trabalho da rede de gestores na região. Carmem sistematizará a implantação do GT Formação no fórum de Rondônia, Deusdete no fórum de Goiás, Rosângela o processo de instalação do CFES CO.

**NO** – sistematização através de reuniões presenciais e virtuais.

**Rosângela** explica que a sistematização é um dever de casa de todos os participantes deste primeiro módulo.

**Debate sobre local e data de realização do próximo módulo presencial deste curso.**

A idéia de realizar em Santa Maria (RS) durante a realização da feira de Economia Solidária (10 a 12/07/09) foi descartada após serem apontados vários fatores que dificultam sua viabilização como: custo das passagens aéreas, Wilson não pode participar em local muito frio por problemas de saúde, envolvimento durante muitos dias, realização de provas na Universidade de Fernando, férias escolares por parte de Raquel. Isto leva a realização para Brasília. Quanto à data foi indicado o início de agosto.

**Equipe de Sistematização apresenta um vídeo com imagens de todos os dias do curso.**

**Seguiu-se avaliação deste primeiro módulo por parte de alguns participantes.**

**Rutiléia** – diz que processo foi riquíssimo, gostou muito do trabalho autogestionário dos grupos de trabalho, grupo de monitoramento teve trabalho difícil de conseguir o cumprimento de horários combinado por parte de todos os participantes.

**Etiene** – faltou momento de lazer, com um passeio a Brasília, por exemplo.

**Ângelo** – elogio aos facilitadores Cláudio e Aida, porque dialogaram com todos, não agindo como os instrutores clássicos.

**Joana** – houve participação muito intensa dos participantes e os facilitadores sempre trouxeram elementos novos. GTs tiveram grande comprometimento. Elogiou gestão compartilhada do curso através dos GTs.

**Ana** – não tinha vivenciado antes gestão partilhada. Citou o fato de ocorrerem muitas reuniões dos GTs e grupos por regiões, o que deu muito trabalho.

**Deusdete** – ficou preocupado com a metodologia do curso, disse que os conteúdos têm que ser bem escolhidos para dar conta das necessidades dos formadores. Elogiou gestão partilhada. Questionou se este foi um curso ou um seminário. Citou que muitos dos participantes vieram como coordenadores de projetos e não como educadores. Disse que os papéis de Sergio e Mari não ficaram claros.

**Girlani** – elogiou presença de Sergio durante atividades de integração à noite. Reconheceu que Mari teve dificuldades de estar presente, por ter outras atribuições e responsabilidades.

**Rosângela** gostou muito do trabalho dos GTs. Elogiou trabalho da equipe de sistematização e apresentação preparada por Fabiana. Elogiou acolhida aos participantes. Citou que Mari às vezes esteve preocupada demais em seguir o programa, sempre perguntando como estava o processo e perguntando aos participantes qual era a avaliação sobre o andamento do curso. Disse que é preciso um processo de desconstrução do que conhecemos como cursos. Disse que Sérgio e Mari não tiveram claro a divisão de tarefas.

**Deusdete declama uma poesia ao final do curso. Os participantes abraçam-se em despedida.**

## **Relato de atividade específica de Lançamento do CFES Nacional, programada como parte do 1º Curso Nacional de Formação de Formadores.**

### **Dia 13 de maio - 14h Solenidade de Lançamento do CFES**

Início da solenidade de Lançamento do CFES, com composição da mesa integrada por: Vicente Falqueto (Instituto Marista de Solidariedade-IMS), Cristina dos Anjos (Cáritas), Fábio Sanches (MTE-SENAES), Quenes Gonzaga (Sec.Geral Pres. República) e Márcia de Lima (Fórum Bras.de Ecosol-FBES) na mesa de abertura do lançamento CFES. Todos eles se manifestaram.

### **Aula inaugural professor Moacir Gadotti**

Coordenação de Roberto Marinho Alves da Silva (Senaes) e Shirlei da Silva (IMS).

Iniciou enfatizando a necessidade de outra economia diante da crise atual. Esta economia é a Economia Solidária. A interface da Ecosol com a Ed. Popular é simples, porque para desenvolver valores da Ecosol é preciso um processo pedagógico. E o processo produtivo e educativo é inseparável. Paulo Freire em 1989 considerou a Ecosol como princípio fundante da educação popular. Mas não só a educação popular precisa de Ecosol, mas a educação formal também. Porque só houve saltos de evolução na humanidade através de processos de cooperação,

### **Ecosol como práxis pedagógica.**

Que tipo de cooperação queremos não pela relação de mando. Não é eu participo, tu participas, nós participamos e eles decidem. Porque todos são capazes. Claro que precisamos de líderes, mas não desprezar a idéia que lideranças vêm do povo.

A única maneira de aprender Ecosol é praticando. E também precisa de muita informação. Porque se decisão é coletiva as pessoas cooperam com confiança; Eu só desejo cooperar se tenho informações. Temos que desaprender certas coisas e aprender outras.. Preciso destituir preconceitos. Formação para consciência crítica e formação para a sensibilidade porque Ecosol é projeto de sociedade e não projeto econômico. Para isso é necessária uma nova cultura.

Nesse processo de cooperação devemos começar pelo que temos em comum e depois ver no que divergimos. Para tudo isso é necessário uma nova pedagogia, onde professor e aluno têm saberes, saber que precisa ser pesquisado com ferramentas como pesquisa-ação. Para isso é preciso trabalhar em rede para troca de experiência. Nós temos cúmplices de um mesmo projeto e não clientes ou alunos. A economia depende da cultura. O movimento ecológico criou o hábito de consciência sustentável. Há importantes espaços de articulação no campo da Cultura, Comunicação (mídia livre), Educação, Ecologia, investimento científico. Como há várias formas de manifestação da Economia Solidária assim também há diferentes pedagogias. Não há pensamento único. Tem que montar pedagogia que não sai da cabeça dos acadêmicos e sim de quem faz formação em Ecosol. E para tirar lições da prática é preciso sistematização. Paulo Freire falava em três questões fundamentais para construir conhecimento de forma colaborativa:

1. descentralização; 2. participação; 3. concertação (de consenso)

Outro aspecto é satisfação nos cursos, tem que ser prazeroso participar de um curso. Tem que seduzir, para que os participantes voltem para o próximo curso. Para isto precisar usar a razão e a emoção.

Mudar o mundo e mudar as pessoa são faces do mesmo processo  
15h45 fim da fala de Gadotti.

### **Fala do deputado federal Eudes Xavier**

Citou projeto de finanças solidárias de Luiza Erundina. Disse que vai fazer pronunciamento. Destacou vários aspectos sobre a importância da Economia Solidária

### **Início debate por vídeo conferência, iniciado por pergunta:**

De Palmas a pergunta é sobre o critério para participar dos cursos de formação de formadores. Schirlei responde que a Cáritas, como entidade executora, vai explicar depois sobre tais critérios.

De **Fortaleza** vem comentário sobre a acumulação na economia da cooperação, seguido de pergunta sobre acessar crédito.

**Recife** cita processo de educação em economia solidária com uso da pedagogia da alternância e acrescenta comentário sobre acumulação/lucro em Ecosol desde que seja partilhado

**Moacir Gadotti** responde perguntas do primeiro bloco

Inicia indicando o escritor Pablo Guerra e recomenda que CFES tenha bibliografia o mais atualizada possível. Citou autores como Francisco Gutierrez, e Carlos Brandão, com seu livro Cultura Rebelde – Releitura da Educação Popular.

**Pergunta de Goiás** – (Odília) Como envolver temas que seja prazerosos para os alunos, que instrumento usar para isto?

Presente no auditório, **Lilian (MS)** faz comentário sobre sua preocupação com condições favoráveis aos formadores que vão trabalhar no projeto, especialmente em relação ao orçamento.

**Pergunta de Belo Horizonte** (Chica, do grupo Amigos da Chica) Pede uso de palavras simples para processo de educação.

**Vila Velha (ES)**– demanda formação continuada para os grupos de Ecosol, diante de suas necessidades, incluindo questões relativas ao marco legal.

**Gadotti** responde, cita situação vivida por Paulo Freire, em 1981, na cidade de Diadema (SP), quando um estagiário num processo de educação popular pergunta à turma de alunos “o que é povo”. Uma senhora responde: “povo é quem não pergunta o que é povo, porque povo é cheio de problemas”.

E acrescenta que podemos ter teorias bem difíceis mas nada que não pode ser explicado com palavras simples. Destaca que Paulo Freire escreve sobre arrogância em seu último livro.

Resposta para Odília – Relação militante e formador – não é suficiente ser militante e nem só conhecer conteúdos, precisa ter didática, formador precisa de muita disciplina para o estudo, é um rigor anarquista, temos que ser muito exigentes, tem que fazer pesquisa, leitura. Kant estabeleceu uma diferença entre filosofia popular e filosofia vulgar.

Resposta a Vila Velha- Economia é rígida por marco legal que serve para grandes empreendimentos, não resolve para nós pequenos.

**Pergunta de Curitiba** – Comenta sobre o problema gerado pela cultura assistencialista.

**De São Paulo** (Luigi) – cita que Ecosol é projeto de sociedade e formar para Ecosol e pela Ecosol, para dar conta da abrangência enorme incluindo a questão política. Disse que que CFEs deve trabalhar com diversas metodologias, mas te preocupação que haja uma espinha dorsal.

**De Chapecó** (Carlos Eduardo-Tchê) ITCP da Unichapecó – sobre caminhada para um tecnificação dos processos pedagógicos, os grupos de Ecosol cada vez precisam mais de tecnologia e não são contemplados, como avançar pedagogicamente para atendê-los Maceió (Gedalva- Cáritas) Preocupação em interligar ProEja com Ecosol. Falta pessoas para trabalhar tema de Ecosol nestes espaços.

**Resposta para Chapecó** – Gadotti comentar os limites da EAD (Educação a Distância) porque o aprendizado olho no olho é fundamental, as precisa trabalhar também com a pedagogia da alternância e EAD é uma grande ajuda para superar o problema das distâncias. Cita Paulo Freire, que disse “aquele que quer me seguir não deve me seguir”

**Resposta para São Paulo** – não dá pra ter dispersão pedagógica e não é qualquer metodologia, precisa ter uma linha e dialogar com outras ecletismo, precisa de fato ter uma espinha dorsal.

**Resposta para Curitiba** – o Estado não pode ser assistencialista tem que ter programas de formação.

**Para Maceió** – recomenda texto da Sônia Kruppa sobre trabalho e educação de adultos em Ecosol. Cita que o Instituto Paulo Freire executa ação de educação que tem 1.350 salas no Brasil, no projeto Brasil Alfabetizado em que vincula alfabetização de adultos com geração de renda.

Gadotti comenta que talvez o grande resultado deste encontro de lançamento do CFES seja dar visibilidade aos órgãos do governo para a formação em Economia Solidária.

**Roberto Marinho** diz que o governo federal lançou o edital para conveniar entidades que sistematizem experiências práticas de EJA e Ecosol.

**Pergunta de Margarete do RJ** para o deputado Eudes Xavier, sobre como o um Ministério da Economia Solidária poderia a ajudar no desenvolvimento da Ecosol.

**Paulo Palhano** (Rede Abelha) diz que vivemos um momento histórico. Ecosol é processo de mudança do sujeito.

Moacir Gadotti conclui dizendo que ensinar significa marcar com sinal com um sentido, é dar sentido ao ensino, para que, a favor de quem e contra quem.

Roberto Marinho conclui dizendo que o desafio do CFES é fazer articulação entre Educação Popular e Ecosol.

Próxima mesa dirigida por Ademar Bertucci, da Cáritas, com participação de representantes de cada um dos CFES Regionais, que fazem breve relato sobre a situação em cada centro.

**CFES CENTRO-OESTE - Rosângela Carneiro Góes**

**CFES SUDESTE - Wilson Roberto Fernandes**

**CFES NORDESTE - Raquel Aragão Uchoa Fernandes**

**CFES NORTE - Adebaro Alves dos Reis**

**CFES SUL - João Marcelo Pereira dos Santos**

Ademar fez breve histórico para chegar até o lançamento dos CFES, citando as oficinas regionais e nacionais de formadores, cujos relatórios recomendou a leitura, pois representam o acúmulo do movimento em termos de concepção pedagógica. Citou a importância de observar a riqueza das experiências práticas em educação para Ecosol, vindas de entidades do movimento sindical, entidades de apoio diversas, universidades. Destacou que o projeto CFES tem os limites e que o objetivo maior é trabalhar com os formadores em Ecosol, não é um programa que vai atingir diretamente os empreendimentos. Mas lembrou que é impossível trabalhar e aprender sobre formação para Ecosol, sem conhecer as experiências que vêm da base. Acentuou que é estratégico criar a rede de formadores em Ecosol, e que esta é uma ênfase da bandeira de formação do movimento. O objetivo é que o processo de rede avance para além da realização deste programa. Preocupação do CFES Nacional é que nos cursos nacionais participem pessoas com acúmulo de formação. Disse que os cursos terão 120 horas, cada um deles divididos em três módulos (dois presenciais e um não presencial), cada um de 40 horas. Seguiu-se o relato de cada um dos representantes do CFES Regionais  
Do CFES Nordeste o

**CFES CENTRO-OESTE - Rosangela Carneiro Góes**

Lançamento do centro aconteceu dia 3 de março último. Há apoio de várias entidades e instituições públicas ligadas a Ecosol

**CFES NORTE - Adebaro Alves dos Reis**

Citou problemas jurídicos para assinatura do convênio pela Universidade Federal do Pará, o que ocasionou atrasos orçamentários, mas já deram início a um curso de especialização em Ecosol.

**CFES NORDESTE –** (relato foi feito por **Paulo de Jesus**, desde a sala de vídeo conferência no Recife)

Relatou a demora de assinatura do convênio por problemas burocráticos da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Citou opção metodológica que inclui destaque para três temas nos cursos regionais: de natureza psico-pedagógica, aprofundamento de conhecimento sobre Ecosol, e temas específicos, como finanças solidárias, comércio justo.

**CFES SUDESTE - Wilson Roberto Fernandes**

Destacou bom andamento do convênio, assinado em 30 de dezembro de 2008. Já há calendário de atividades definido até dezembro de 2009.

**CFES SUL - João Marcelo Pereira dos Santos**

Disse das dificuldades de celebrar o convênio com Escola Mesquita, por questões jurídicas citadas pela Advocacia da União. Expectativa é de que estas questões sejam superadas, para iniciar o trabalho.